



TERRITÓRIO EM TRANSFORMAÇÃO: IMPACTOS DO AGRONEGÓCIO NO OESTE BAIANO

TERRITORY IN CHANGES: THE IMPACTS OF THE AGRO-BUSINESS IN THE WEST FROM BAHIA

LUÍS GUSTAVO DE LIMA SALES

Mestre em Ciências Sociais pela
Universidade Federal de Campina Grande,
Professor assistente
lglsales@ufba.br

RICÉLIA MARIA MARINHO SALES

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande,
Professora assistente
ricelia_marinho@ccta.ufcg.edu.br







RESUMO

Este trabalho fez parte de um projeto maior, intitulado “Por uma geografia do oeste baiano”, desenvolvido no âmbito do Curso de Geografia do Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal da Bahia (ICAD/UFBA) e que teve como objetivo analisar uma das áreas de modernização agrícola da Região Nordeste do Brasil, o Oeste Baiano, entendendo-a enquanto um produto historicamente construído de modo a reconhecer o papel do trabalho e das conquistas tecnológicas na estruturação do território, na diferenciação regional e nas particularidades do lugar. É importante considerar que as transformações do Oeste Baiano, advindas do estabelecimento do meio técnico-científico-informacional introduziram relações novas com o espaço, com implicações de ordem social, cultural, política e ambiental que ainda precisam ser aprofundadas.

Palavras-chave: reestruturação do território, agronegócio, Oeste Baiano.





ABSTRACT

This full paper has made part of a huge one project titled “For a geography in the baiano west”. Full paper which one was developed in the area in Geography’s graduation in the Institute of Ambient Sciences and Sustainable Development at Federal university from Bahia (ICAD/UFBA) and had like a point to analyze one of the areas of agricultural modernization of the northeast region in Brazil, the Baiano’s West, it understands while a product historically constructed in order to recognize the paper of the work and the technological conquests in the estructureation of the territory, in the regional differentiation and the particularities of the place. It’s really important to consider the changes of Baiano’s West occurred of the introduction of informacional-scientific-technician way had introduced new relations on the space, with implications of social, cultural, politics and ambient order, which it needs to be investigated.

Keywords: re-estruturation, agro-business, Baiano West.



1 INTRODUÇÃO

1.1 NORDESTE: PRODUÇÃO DE UMA REALIDADE HETEROGÊNEA

A visão de que o Nordeste seria apenas uma região-problema, uma região de seca e miséria, foi colocada em “xeque” nas últimas décadas do século XX. Mudanças importantes remodelaram a realidade econômica nordestina em meados da década de 70, originando o que para muitos seria uma frente de expansão, ou polos dinâmicos, ou até mesmo manchas ou focos de dinamismo, e revelando na atualidade uma região que apresenta heterogeneidade econômica, fruto das novas áreas de modernização intensa (BACELAR, 1995; COSTA, 2001). É importante contextualizar essas mudanças, porque serão elas as responsáveis pela transformação do espaço nordestino e, o Oeste Baiano não foge à regra, já que faz parte dessa realidade.

Antes da década de 50, a característica mais importante da economia nordestina era seu fraco dinamismo, apoiada numa produção agroexportadora em crise, pois o principal produto de sua economia era a cana-de-açúcar, não mais valorizado no mercado internacional para essa época. O problema que surgia para os planejadores do espaço nordestino era acabar com esse fraco dinamismo na região.

Assim, foi criado um Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), que tinha como uma de suas principais propostas estimular a industrialização nordestina. Na década de 60, uma série de ações promovidas pelo Estado fez com que as atividades urbanas, dentre elas as atividades industriais, se destacasse, rompendo assim com a fraca dinâmica preexistente da velha base agroexportadora. Essas ações puderam ser verificadas por meio dos incentivos fiscais e dos investimentos de empresas estatais do porte da PETROBRAS (na Bahia) e Vale do Rio Doce (no Maranhão), fazendo com que a Região Nordeste atraísse investimentos de importantes empresas locais, nacionais e multinacionais, dando início ao período de mudanças de sua realidade.

De acordo com Araújo (2000, p. 169), “[...] a partir do dinamismo verificado na base econômica do Nordeste [...], a economia da região promoveu mudança importante na composição de sua produção.” Essas mudanças foram: a) as atividades agropecuárias perderam peso relativo no produto interno bruto brasileiro (PIB), enquanto as atividades urbanas avançaram mais; b) as atividades agropecuárias, mesmo perdendo peso relativo no PIB brasileiro, ainda são atividade importante para região, tanto

que a segunda mudança verificada foi em seu perfil produtivo. Araújo (2000, p. 169-170) menciona que,

A partir dos anos 70, enquanto se reduzia a área cultivada com algodão, mamona, mandioca, sisal, expandia-se a área ocupada com cana-de-açúcar, arroz, cacau, feijão, laranja e milho. Ao mesmo tempo, algumas culturas não tradicionais na região, pelo valor do mercado relativamente alto que possuem, apresentaram peso crescente na produção regional: é o caso de frutas como mamão, manga, melancia e uvas (nas áreas irrigadas pelo São Francisco), do cacau e abacaxi (em manchas favoráveis do Sertão e Agreste) e do tomate, café soja e borracha (em áreas favoráveis do São Francisco, do Agreste, do cerrado e da Zona da Mata, respectivamente).

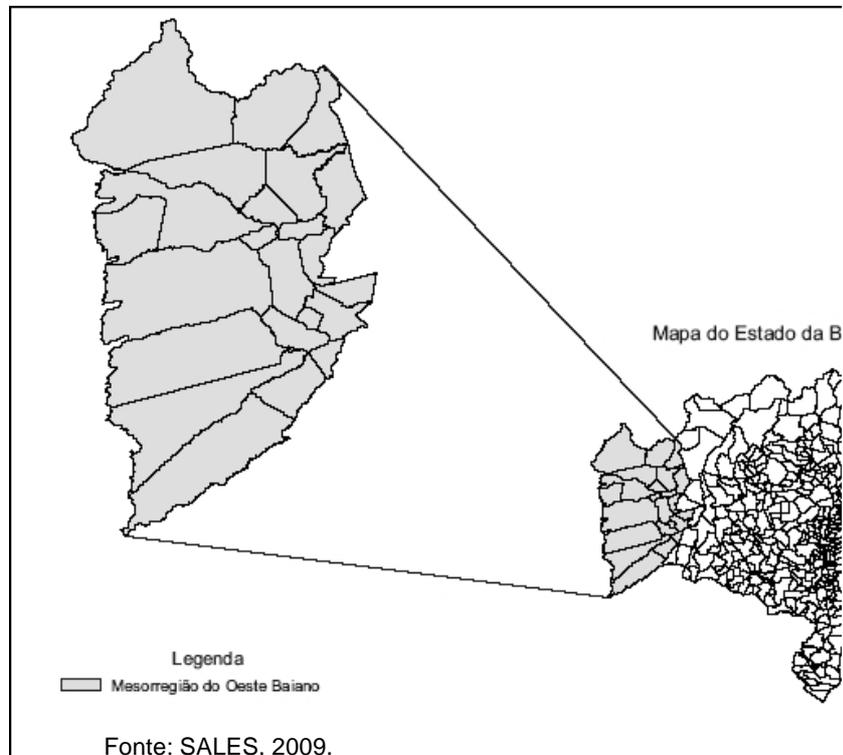
Vale ressaltar o papel do Estado e dos capitalistas como atores-chave na produção desses “novos espaços nordestinos” articulando-se, mediante incentivos com empresas privadas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO DO OESTE BAIANO: UMA REALIDADE CONDUZIDA PELO AGRONEGÓCIO NA REGIÃO

A proposta deste artigo foi trabalhar com uma dessas áreas de modernização do Nordeste brasileiro, o Oeste Baiano, caracterizado pela moderna agricultura de grãos (ver figura 1).

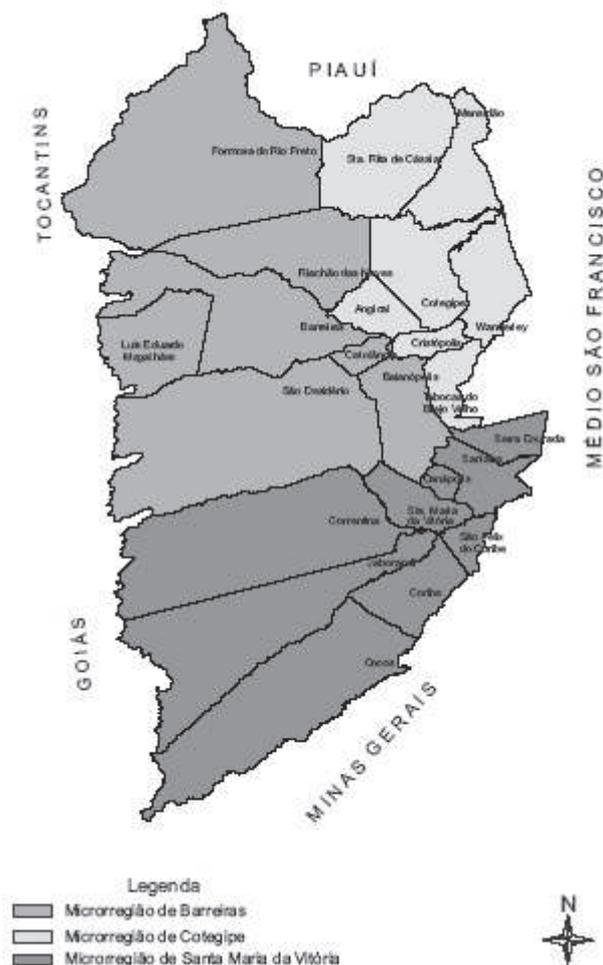
FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO DA MESORREGIÃO DO OESTE BAIANO



Formada por três microrregiões: a de Barreiras, que congrega sete municípios; a de Cotegipe, com sete municípios; a de Santa Maria da Vitória, que possui nove municípios (SANTOS FILHO, 1989). Essa região (com 114.873 km²) é considerada a maior do Estado, correspondendo a 20,51% de toda a área da Bahia (SEI, 2000).

Uma outra característica da região diz respeito à localização nos biomas brasileiros. O Oeste Baiano insere-se, em sua maior parte, no cerrado e, segundo o Ministério do Meio Ambiente, é o bioma que mais tem sofrido consequências do avanço da modernização da agricultura.

FIGURA 2 – MUNICÍPIOS DAS MICRORREGIÕES DO OESTE DA BAHIA



FONTE: SALES, 2009.

A microrregião de Barreiras é considerada a mais dinâmica do Oeste Baiano, fazendo parte dela os municípios de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, Formosa do Rio Preto, Riachão das Neves, São Desidério, Baianópolis e Catolândia. Essa microrregião foi a que sofreu as maiores transformações desde meados da década de 70, tanto de ordem econômica, quanto de ordem social, cultural e ambiental.

Sua população que era nessa época de 67.964 habitantes passou, em 2000, para 225.088 (IBGE), um aumento na ordem de 231% em três décadas, revelando esse intenso dinamismo por que passa essa região.

Essas mudanças que ocorreram na microrregião de Barreiras são frutos da produção de um meio, que Santos (2004) denominou “meio técnico-científico-informacional”, e fazem com que o território tenha novas funcionalidades, ou melhor, novas territorialidades, tornando-se mais atrativo para pessoas que estão em busca de melhores condições de vida.

Esse dinamismo pode ser explicado principalmente pelo processo de migração que ocorreu não só na microrregião de Barreiras, mas também em todo o território nacional, que viu sua população dar saltos vertiginosos durante todo o século XX. Sales e Baeninger (2000 p. 33) esclarecem:

Esse crescimento foi acompanhado não somente por significativas mudanças nos perfis da mortalidade e da fecundidade, mas também nos rearranjos espaciais entre o rural e o urbano, refletindo-se nas novas formas de distribuição regional da população propiciado, pelas migrações internas.

Essas migrações ocorrem principalmente em função da busca de melhores oportunidades que seus lugares de origem não proporcionavam. Dessa forma, famílias deslocam-se para áreas que estão sofrendo certo tipo de dinamismo econômico, a exemplo das novas áreas de modernização agrícola do Nordeste, com o propósito, de encontrar empregos. A mobilidade espacial da população no território nacional insere-se num contexto mais amplo de transformações da sociedade em seu conjunto. Para Sales e Baeninger (2000 p. 33):

Os distintos contextos históricos, econômicos, sociais, políticos e demográficos tiveram rebatimentos nos processos de redistribuições da população e de urbanização, contribuindo para a transferência de enormes contingentes populacionais entre áreas rurais e urbanas e, atualmente, entre áreas urbanas. Assim, as migrações internas, entre 1930 e 1950, surgiram, basicamente, rumo ao meio urbano dos municípios, às fronteiras agrícolas como Paraná, Maranhão e o Centro-Oeste e também, aos centros industriais do Sudeste com destaque para a cidade de São Paulo, a migração rural-urbana nacional chegou a 3 milhões de pessoas na década de 40.

As migrações com destino às fronteiras agrícolas, ocorridas no período de 1930 a 1950 para a área central do País, só ocorreram no Oeste Baiano na década de 70, pois foi nesse período que esse espaço sofreu um processo de rearranjo espacial, modernizando sua matriz produtiva e investindo no agronegócio, principalmente na produção de soja, tornando-se uma área atrativa. Alguns eventos foram responsáveis por esse rearranjo espacial, entre eles a instalação de projetos de colonização e irrigação nos municípios do Oeste Baiano, o que culminou na base para o desenvolvimento da moderna agricultura de grãos do cerrado baiano. Esses eventos foram promovidos pela Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF).

Na verdade, a soja chegou timidamente ao cerrado do Oeste Baiano e, pouco a pouco, foi suplantando outros cultivos tradicionais, sobretudo as lavouras de subsistência e a pecuária. Essas transformações foram provocadas principalmente pelos produtores experientes da Região Sul, que migraram, trazendo consigo a experiência desse novo arranjo econômico. O baixo preço das terras facilitou os investimentos e incentivos na região, principalmente no município de Barreiras, aonde essa modernização agrícola chegou primeiro.

O desenvolvimento da cultura da soja no cerrado baiano, no final dos anos 70 e início de 80 veio reafirmar o processo de mudança na região e lhe definiu novos contornos. Santos Filho (1989, p. 30) afirma que

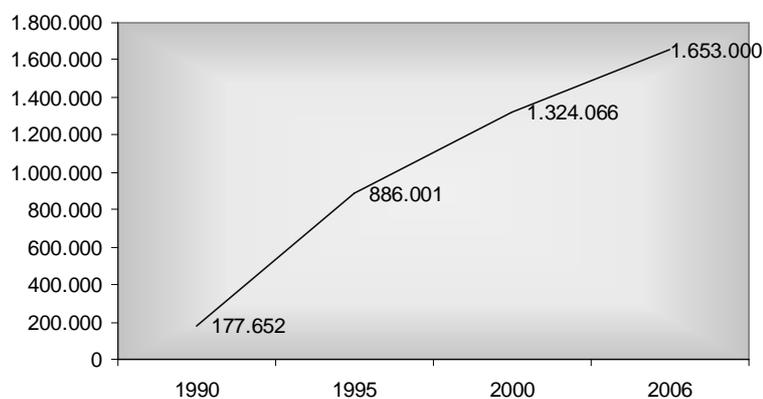
[...] a cultura da soja é a principal forma de penetração da produção agrícola moderna nos cerrados baianos. O crescimento da área plantada e da produção em volume de soja tem sido vertiginoso.

Outros eventos que contribuíram para o desenvolvimento da produção de grãos na região foram as pesquisas desenvolvidas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), principalmente pelo desenvolvimento técnico-científico, tornando-se um instrumento que possibilitou uma manipulação mais eficiente dos recursos naturais no cerrado do Oeste Baiano.

Os avanços alcançados em rendimento médio resultaram da organização do espaço agrário em termos de variedades de cultivos geneticamente adequados às condições do cerrado e da dependência de insumos, especialmente no que se refere a fertilizantes e agrotóxicos, além de máquinas e implementos modernos fornecidos principalmente pela cidade de Barreiras aos municípios produtores, como Luís Eduardo Magalhães e São Desidério.

O despertar da região para o meio técnico-científico-informacional pode ser percebido pelo intenso crescimento de uma das culturas – sinônimo do agronegócio –, a soja. Em relação à produção em toneladas de soja na área, os dados revelam um aumento significativo, no período de 1990 a 1995, na ordem de 399%. Nas décadas posteriores, ocorreu o aumento da quantidade produzida de soja, não acompanhando a evolução da década inicial. Entre 1995 e 2000, o aumento foi de 49% e, entre 2000 e 2006, foi de 24%, bem aquém do que ocorreu no início da década de 90.

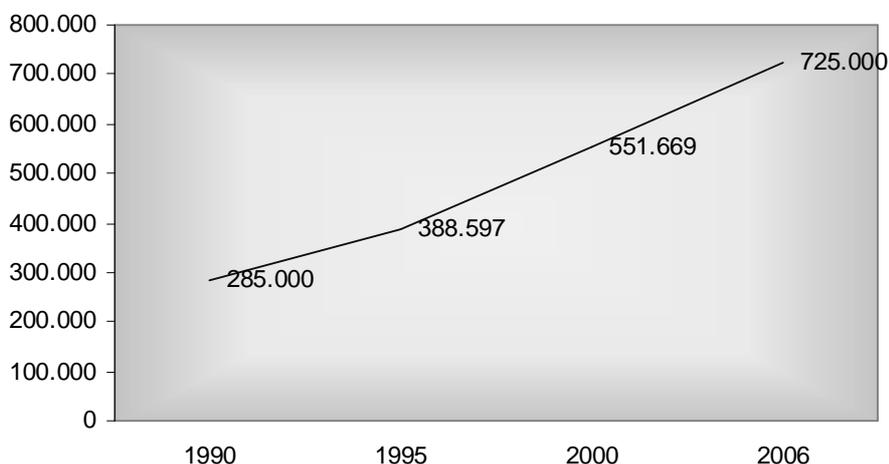
GRÁFICO 1 – QUANTIDADE PRODUZIDA DE SOJA EM TONELADAS (1990-2006)



FONTE: IBGE. **Produção agrícola municipal.**

O aumento da produção em toneladas da soja reflete-se no uso e ocupação do cerrado baiano, principalmente pela supressão de seu meio natural e pela conseqüente transformação da paisagem, onde a vegetação cede lugar às grandes monoculturas. Esse fato pode ser claramente percebido pelo aumento da área plantada de soja, em hectares. De acordo com os dados da *Produção agrícola municipal* do IBGE (PAM/IBGE), ocorreu um aumento de 154%, num período de 1990 a 2006.

GRÁFICO 2 – ÁREA COLHIDA DE SOJA EM HECTARES (1990-2006)



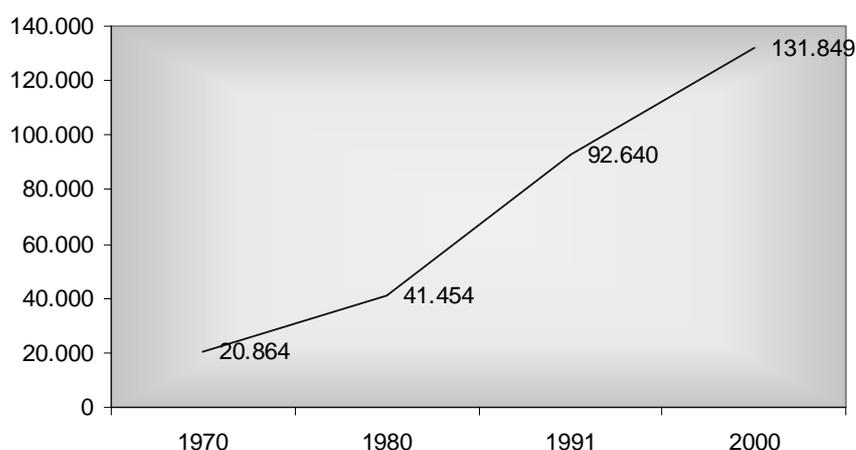
FONTE: IBGE. **Produção agrícola municipal.**

Essa realidade do agronegócio construído no Oeste Baiano reforça a concepção de que o espaço é um produto histórico e social das relações entre a sociedade e a natureza, mediadas pela técnica. É importante considerar que essas execuções técnicas encontradas no Oeste Baiano introduziram relações novas com o espaço, com implicações de ordem social, cultural, política e ambiental que ainda precisam ser aprofundadas.

Um terceiro fator responsável pela transformação do Oeste Baiano a construção de infraestruturas de circulação, que proporcionaram maior agilidade no transporte de mercadorias e de pessoas, como o caso das estradas federais, denominadas de BRs, obras do 4º Batalhão de Engenharia e Construção (4º BEC). Esse fator fez com que o Oeste Baiano, que no passado tinha como principal via para o deslocamento de pessoas e mercadorias os rios, ganhasse estradas, ocasionando assim profundas transformações espaciais ao longo dessas verdadeiras “artérias”. O que salta a nossos olhos, com a construção da BR-020 e da BR-242 é a canalização de dois processos na região: o da modernização da agricultura e o da urbanização. Esses dois processos vêm gerando uma pressão gigantesca sobre o bioma cerrado, que cada vez mais perde espaço, ora pelo avanço da moderna agricultura capitalista, ora pelo avanço das cidades, como o caso de Barreiras e de Luís Eduardo Magalhães.

Muitas cidades que não tinham nenhuma importância principalmente de expressividade econômica, começaram a transformar-se em importantes centros urbanos de caráter regional, e isso ocorreu pelo intenso fluxo migratório advindo de outras regiões, principalmente do Sul do Brasil, como o caso do município de Barreiras, que viu sua população crescer vertiginosamente entre os períodos de 1970 a 2000, na ordem de 531%.

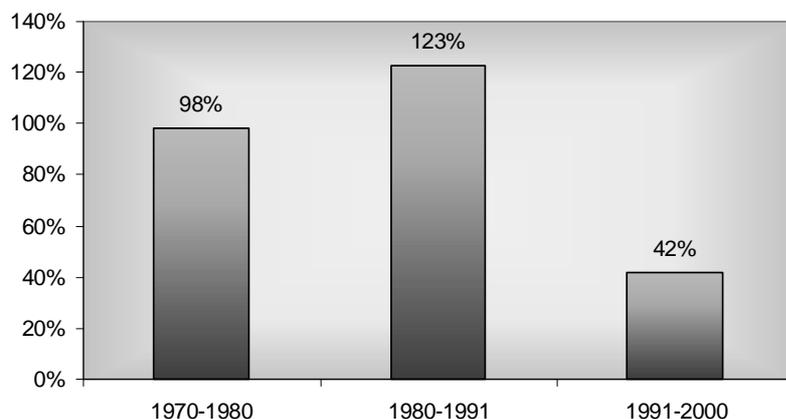
GRÁFICO 3 – DINÂMICA DA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BARREIRAS (1970-2000)



FONTE: IBGE. **Censo demográfico** (1970, 1980, 1991 e 2000).

Todavia, esse crescimento foi diferenciado ao longo de três décadas. De acordo com a dinâmica da população de Barreiras, pode-se observar que a década de 80 foi o período que recebeu o maior contingente populacional. A população residente aumentou em 123%, passando de 41.454 para 92.640. Na década de 1970 e inícios de 2000, esse aumento não foi tão expressivo quanto o verificado na década de 80, tendo crescimento na ordem de 98% e 42%, respectivamente (ver gráfico abaixo).

GRÁFICO 4 – TAXA DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BARREIRAS (1970-2000)



FONTE: IBGE. **Censo demográfico** (1970, 1980, 1991 e 2000).

No entanto, outros municípios são formados nesse contexto histórico e econômico, como é o caso de Luís Eduardo Magalhães, pertencente à microrregião de Barreiras. Recém-emancipado, representa bem o processo de construção dos espaços urbanos, comandados pelos sulistas. Explica Alves (2005, p. 54 e 55):

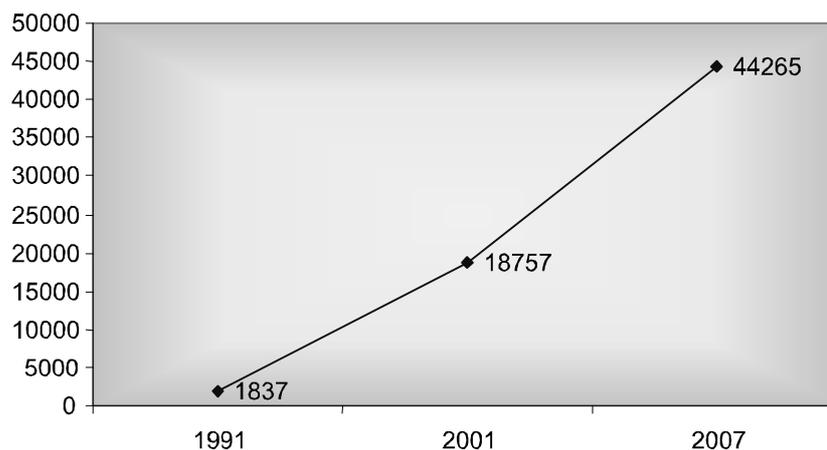
Luís Eduardo Magalhães, como é denominado pela população da região, nasceu não da centralidade de uma paróquia, como estamos acostumados a verificar na história das cidades brasileiras, mas de um posto de combustível chamado Mimoso do Oeste, fundado por migrantes sulistas para servir de ponto de abastecimento e de descanso de caminhoneiros. Desta maneira, ao redor do posto implantado, surgiu um pequeno povoado com o mesmo nome atribuído ao posto, onde basicamente residiam famílias sulistas. Logo este povoado expandiu-se de modo acelerado adquirindo formas de uma cidade com acumulação de poder econômico, e posteriormente concentrava uma parcela dos novos grupos de posse de capital. As diferenças que ali existiam de caráter ético-cultural e até mesmo de poder econômico entre o povoado de Mimoso e o município sede, Barreiras, produziram desde os primeiros anos de existência do povoado, manifestações de emancipação. Eles se fortaleceram na mesma velocidade em que novos investimentos de agroindústrias, de serviços e de produtores agrícolas chegavam a Mimoso, gerando maiores rivalidades entre as populações das duas localidades. Essas populações representam grupos de identidades sociais diferenciadas. A de Mimoso, de maioria sulista e a de Barreiras predominantemente nordestina.

Com a emancipação de Mimoso do Oeste, em março de 2000, o município, que se sustenta na economia do agronegócio, continua recebendo um grande fluxo de migrantes, não só sulistas, mas predominantemente nordestinos, da própria Bahia e de outros Estados. Desembarcam no novo município com a esperança de um novo emprego, o que, infelizmente na maioria das vezes, não se concretiza, como relata Alves (2005, p. 55):

Esse último grupo de migrante não possui, frequentemente, as aptidões que se deseja para que um novo morador continue com o progresso do lugar, ou seja, um migrante que apresenta as características dos sulistas, produtores com posse de capital, técnicos agrícolas, veterinários, trabalhadores com especializações que atendam às necessidades das agroindústrias, comerciantes de maquinários e defensivos agrícolas, etc.

De acordo com IBGE, a população do ainda povoado de Mimoso era de 1.837 habitantes no ano de 1991, porém, quando se tornou emancipado, sua população passou para 18.757, um aumento de 921%. Mimoso do Oeste, então distrito de Barreiras, mais tarde tornou-se o município de Luís Eduardo Magalhães. Como ainda não saiu o Censo Demográfico de 2010, um outro dado oficial sobre o município de Luís Eduardo Magalhães é a contagem populacional de 2007. Os dados do IBGE revelaram que a população do município era de 44.265 habitantes, revelando um aumento na ordem de 138%.

GRÁFICO 5 – DINÂMICA DA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE LUÍS EDUARDO MAGALHÃES (1991-2007)



FONTE: IBGE. **Barreiras** (1991); **ciudades@** (2001e 2007).

Entretanto, o elevado crescimento da região não reflete melhores condições de vida para a maioria da população de Barreiras e dos outros municípios da região que sofreram fortes impactos por causa da modernização agrícola. De acordo com Alves (2005), verifica-se, nessas áreas, a reprodução do modelo de expansão capitalista baseada na concentração de renda, revelando a concentração de terras e de riqueza produzida em pequena parcela da população. É a repetição da história, ou seja, a supressão de um meio “natural” por um cada vez mais artificializado (Santos, 2004), assim como ocorreu com o bioma mata atlântica, que sofreu e ainda sofre com as consequências das monoculturas, principalmente a canaveira, responsável por profundos impactos econômicos, sociais, culturais e ambientais na região do litoral nordestino.

Portanto, essa área em análise insere-se no novo contexto da realidade nordestina. Ela passa de uma região homogênea que salta aos olhos das pessoas como uma “região-problema” para uma “área de modernização”, uma “área de fronteira”, um “polo dinâmico” que tem como característica sua heterogeneidade. É uma área que, por ter-se tornado dinâmica, sofre diversas pressões, principalmente socioambientais, tanto do lado da agricultura que avança assustadoramente nessa região quanto pelo processo de urbanização intensa impulsionado pelos próprios fatores da modernização agrícola.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe uma nova realidade econômica nordestina caracterizada pelos novos focos de dinamismo da economia regional que convivem atualmente com as tradicionais áreas agrícolas da região. Essas áreas tiveram grande repercussão e importância na economia brasileira e nordestina.

Essa nova realidade apresenta as fronteiras de agricultura capitalista, como é o caso do Oeste da Bahia, privilegiado por alguns eventos responsáveis por tal mudança, tais como a construção da rede viária pelo 4º BEC, que aproximou mais o cerrado baiano dos grandes centros de produção e consumo, permitindo que as terras da região tivessem mais valorização; a chegada do meio técnico-científico-informacional, proporcionado pelas pesquisas realizadas pela EMBRAPA; a intensa migração de gaúchos e nordestinos para a região em busca de melhores condições de vida.

O desenvolvimento da cultura da soja no cerrado baiano, no final dos anos 70 e início dos anos de 80, vem reafirmar o processo de mudança na região e lhe definir novos contornos revelados na paisagem do Oeste

Baiano, formado principalmente pela microrregião de Barreiras, que representa um dos grandes polos de desenvolvimento do complexo agroindustrial nas áreas do cerrado brasileiro, tendo como eixo econômico a produção de grãos. Nesse cenário, destacam-se a sojicultura, a fruticultura, a cafeicultura, a cotonicultura e a pecuária.

REFERÊNCIAS

ALVES, Vicente Eudes Lemos. **A mobilidade sulista e a expansão da fronteira agrícola brasileira.** *Revista Agrária*, n. 2, p. 40-68, 2005.

BACELAR, Tânia. **Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências.** Rio de Janeiro: Revan- Fase, 2000.

COSTA, Liduina Farias Almeida. Revisitando a questão do Nordeste: representações de uma região-problema. **Revista do Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade**, UECE, ano 1, n. 1, jan./jun. 2001.

COSTA, Rogério Haesbaert da. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

DAMIANI, Amélia. **População e geografia.** São Paulo: Contexto, 2006.

IBGE. **Censos demográficos** (1970, 1980, 1991, 2000). – Completar.

SALES, Teresa; BAENINGER, Rosana. Migrações internas e internacionais no Brasil panorama deste século. **Travessia**, ano XIII, n. 36, p. 33-43, jan./abr. 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Ed. da USP, 2004.

SANTOS FILHO, Milton. **O processo de urbanização no oeste baiano.** Recife: SUDENE-DPG.PSU-URB, 1989.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONOMICOS E SOCIAIS DA BAHIA (SEI). **Mudanças sociodemográficas recentes: região oeste.** Salvador: SEI, 2000.